

ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DO ENSINO DE ARQUITETURA

Saber, Poder e Subjetividade

O pensamento Pós-estruturalista e o Projeto

MAGNAVITA, Pasqualino Romano

Arquiteto, Dr., Professor do Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFBA
(e-mail: pasqualinomaganvita@terra.com.br)

RESUMO

Discursivamente o texto aborda três variáveis que afetam qualquer forma de pensar: Saber, Poder e Subjetividade. Utiliza um conjunto de conceitos e enunciados de pensadores pós-estruturalistas, a exemplo de Michel Foucault e Gilles Deleuze/Félix Guattari, autores que contestam o pensamento estruturalista herdado da modernidade. Igualmente, aborda as três formas de pensar e criar: a Filosofia, a Ciência e a Arte, no sentido de estabelecer o lugar da arquitetura no universo fenomenológico/perceptivo da Arte, ao tempo em que reconhece que essas três formas de pensar e criar se entrelaçam à guisa de um sistema aberto, uma rede, fazendo do pensamento uma Heterogênese, sem predominância e identificação de uma das formas sobre as outras. As questões levantadas procuram caracterizar e justificar os pressupostos teóricos e práticas que, de regra, orientam o ensino da arquitetura e, especialmente, aquele das disciplinas de projeto, as quais, conjuntamente com as demais disciplinas ministradas na formação profissional, constituem uma "Máquina abstrata" de ensino de arquitetura, resultando de sobrecodificações de saberes, exercícios de poderes, os quais são afetados e afetam por processos de subjetivação, frente a irreduzíveis relação nômade/sedentário. Para que ocorram mudanças, desterritorializações, fuga para uma nova territorialidade, pressupondo novas formas de pensar e de fazer arquitetura, torna-se necessário a presença de uma "Máquina de guerra" que não tem a guerra como objetivo, mas que se caracteriza por não se deixar sobrecodificar pelas relações de poderes dominantes, pois visa novos horizontes, um "devenir" outro para o ensino da arquitetura.

ABSTRACT

The text approaches three discourse variables that affect any form of thinking: knowledge, power and subjectivity. It uses a set of concepts and enunciations of post-structuralist thinkers, namely Michel Foucault and Gilles Deleuze/Felix Guattari, authors who contest the structuralist thinking inherited from modernity. Likewise, it approaches the three forms of thinking and creating: Philosophy, Science and Art in the sense of establishing the place of architecture in the phenomenological/perspective universe of Art, while acknowledging that these three forms of thinking and creating are interwoven with an open system, a network that transforms thinking into a Heterogenesis, without the predominance and identification of one of the forms over the others. The issues that were raised aim at characterizing and justifying the theoretical and practical presuppositions that orient the teaching of architecture, especially as project subjects are concerned. Together with the other subjects taught during the professional formation, they form an "Abstract machine" of teaching architecture, the result of an overcodification of knowledge and exercises of power that affect and are affected by the subjectivation processes. The presence of a "war machine" is necessary for changes, deterritorializations, and escape to a new territory to occur, presupposing new forms of thinking and making architecture. The objective is not war; they stand out for not being overcodified by the relationships of the dominating powers, since they have new horizons in mind for the teaching of architecture; a new "becoming".

ARTIGO

Em qualquer conjunto de disciplinas que integra uma formação profissional, três variáveis encontram-se presentes: **Saber, Poder e Subjetividade**. A proposta de relacionar estas três variáveis com o ensino da arquitetura e de forma específica com as disciplinas de projeto constitui o objetivo deste trabalho.

O instrumental teórico utilizado encontra sua matriz nos enunciados de Foucault e, também, nos de Deleuze/Guattari, embora a transposição e adaptação dos repertórios conceituais destes autores às disciplinas teóricas e práticas do ensino de arquitetura transparece como uma tarefa difícil, e isto, em decorrência da forma hegemônica de pensar herdada da modernidade, a qual, encontra no **Estruturalismo** uma de suas expressões mais elaboradas. Pensamento este

fundamentado no mundo da representação, na lógica binária e no modelo arborescente de pensar (árvore/estrutura).

Na contemporaneidade as diferentes e emergentes formas de pensar, que integram o pensamento do **Pós-estruturalismo**, vêm "desconstruindo" as "formações discursivas" elaboradas pelo pensamento moderno. Vale salientar que o termo desconstrução não possui aqui a conotação de destruir, de anular, mas a de propor uma nova forma de pensar, pois o pensamento é sempre um presente construtivismo. O que hoje constatamos é uma coexistência de diferentes formas de pensar, sendo que as vertentes do estruturalismo expressam, em nosso entendimento, um estágio conservador em relação ao **Devir-outro** do pensamento pós-estruturalista.

Situando a arquitetura nesse novo contexto cultural que alguns pensadores denominam de "**condição pós-moderna**" e evitando a velha dicotomia entre a arte e a ciência, e até mesmo, entre moderno e pós-moderno, aceitamos a caracterização deleuzeana das três formas de pensar e criar: a **Filosofia**, a **Ciência** e a **Arte**. A filosofia cria **Conceitos**, a Ciência cria **Functivos** (novas funções) e a arte cria **Perceptos** (novas percepções) e **Afetos**. Estas formas de pensar e criar se entrelaçam, se conectam, fazendo com que o pensamento seja entendido como uma **Heterogênese**, isto é, uma **Totalidade segmentária**, no sentido da **coexistência** de elementos heterogêneos (filosofia, ciência e arte) os quais se conectam, se contaminam, se sobrepõem, mantêm entre eles zonas de vizinhança e de temporalidades - diferente entre outras modalidades de relacionamentos e conexões (Deleuze/Guattari, 1997).

No âmbito desse entendimento, a arquitetura sendo, em sua especificidade, arte, se relaciona com o mundo fenomenológico da percepção, visando à criação de novas percepções (Perceptos) e novos afetos, no sentido de criar um "bloco de sensações". Contudo, essas três formas de pensar e criar são ao mesmo tempo expressões de saberes, exercícios de poderes e construções de subjetividades.

O Saber arquitetônico, conjuntamente com uma Multiplicidade de outros saberes, constitui, segundo Foucault, uma estratificação histórica. Os Estratos podem ser considerados como cintas, pinças, **articulações** resultantes de fenômenos de acumulação, coagulações, sedimentações, dobramentos. Cada estrato ou articulação é composto de meios codificados, substâncias formadas, portanto, formas e substâncias, códigos e meios são componentes de qualquer estrato ou articulação, embora esses componentes não sejam realmente distintos. Os estratos têm grande mobilidade e pressupõem substratos, paraestratos e epistratos (Deleuze Guattari 1997, p. 216).

Os processos de estratificação pressupõem uma dupla articulação: **Formas de expressão e formas de conteúdo**, ou seja, o enunciável, o que se diz, o dizível e o que se vê, o visível: "As palavras e as Coisas". Há, portanto, duas multiplicidades que não cessam de se cruzar, multiplicidades discursivas e multiplicidades não discursivas: "*não adianta dizer o que se vê, o que se vê não habita no que se diz*" (Foucault).

O Saber, nesse sentido, é um **Agenciamento** prático, um "dispositivo" de enunciados e de visibilidades (exterioridades) e ele existem em função de limiares bastante variados, que assinalam um número equivalente de camadas, clivagens e orientações sobre os estratos. Vale observar, entretanto, que por formas de conteúdo (o que se vê), não se deve atribuir esta denominação apenas aos artefatos em si, mas entender que essas formas, em conjunto, se relacionam com uma **máquina social técnica** que a elas preexiste, constituindo estados de forças, ou formação de potências (poderes). Por sua vez, as formas de expressão (o que se diz, enunciados), não devem ser confundidas com a linguagem, mas se encontram relacionadas com uma **máquina semiótica** que a elas preexiste e constitui um regime de signos. Um regime de signos é muito mais que uma língua. Essas máquinas atuam antes como elementos determinantes e seletivos, tanto para a construção das ferramentas, das linguas, quanto para seus usos, comunicação e difusão mútua.

Uma exemplificação simples dessa dupla articulação, a prisão tomada como forma de visibilidade (espaço confinado) possui uma substância: os prisioneiros, pressupondo uma forma de expressão do Direito Penal e a substância que a preenche: a delinquência. Estas formas não se

correspondem, não se identificam em decorrência da heterogeneidade de suas naturezas, apenas elas se pressupõem reciprocamente.

O Poder, segundo Foucault, é uma relação de forças, todavia ela não se estabelece entre as duas formas de exterioridade como o Saber. **O poder é o não-estratificável.** É um conjunto de ações possíveis, de ações sobre ações, uma relação de forças, uma multiplicidade de poderes, no sentido de incitar, induzir, dividir, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável essa relação de forças. A exemplo de se dividir o Espaço, (enquadrar, ordenar, colocar em série), ou ordenar no Tempo (subdividir o tempo, programar o ato, decimpor o gesto). Neste sentido o Poder se exerce, não é essencialmente repressivo, ele se exerce antes de se possuir. O poder de ser afetado é como uma "matéria" de força e poder de afetar, é como uma "função" da força: não-localizável, tomada independente das formas concretas em que ela se encarna, dos objetivos que satisfaz e dos meios que emprega. Segundo Deleuze é uma física de ação abstrata, uma pura matéria não formada, tomada independentemente das substâncias formadas, dos seres, dos objetos qualificados.

Entre o Poder e o Saber há diferença de natureza, são elementos heterogêneos, entretanto mantêm uma pressuposição recíproca e capturas mútuas, e há primado de um sobre o outro. O Poder não passa por formas como o saber, mas apenas por forças, por pontos, pontos singulares que marcam, a cada vez, a aplicação de uma força, a ação ou reações de uma força em relação às outras, isto é, um afeto como "*estado de poder sempre local e instável*".

As forças constituem **Estratégias** (diagramas) enquanto exercício do não-estratificado. O exercício de poder continua irreduzível a toda prática de saber e, para marcar essa diferença, Foucault dirá que o poder remete a uma **microfísica**, todavia, não no sentido de uma miniaturização das formas visíveis ou enunciáveis, mas como um outro domínio, um novo tipo de relações, pois, **o poder não vê e não fala, mas faz ver e falar.** Ver e falar sempre estiveram inteiramente vinculados às relações de poder que eles supõem e atualizam. As forças, móveis, evanescentes, difusas, não estão do lado de fora do estrato, mas **são** o seu lado de fora.

Dependendo do campo social considerado, encontramos, historicamente, diferentes categorias de poder e seus respectivos diagramas de forças. Pode-se falar, por exemplo, de diagrama grego, romano, feudal, das sociedades de soberania, a lista torna-se extensa, e até mesmo, podemos falar de um diagrama "napoleônico", um interestrato entre a antiga sociedade de soberania e a nova sociedade emergente do capitalismo industrial. Vale observar que o diagrama de forças enquanto expõe um conjunto de relações entre elas, não é um lugar, mas um "**não lugar**", é o lugar apenas de mutações, existindo um "dever" de forças que não se deve confundir com a história das formas, já que opera em outra dimensão.

Se *ver* e *falar* são formas de exterioridade, o Pensamento (pensar) se orienta a um lado de fora que não tem forma; Pensar é também chegar ao **não-estratificado**. Ver é pensar, falar é pensar, mas o pensar opera na disjunção, no interstício entre *falar* e *ver*. O Dever deve ser entendido como mudança, mutação e concerne às forças componentes e não às formas compostas. O lado de fora constitui sempre a abertura de um futuro com o qual nada acaba, pois nunca começou, tudo apenas se metamorfoseia.

Uma das questões concernente às relações de poder diz respeito à **Resistência**. Na medida em que as relações de poder se conservam por inteiro no diagrama de forças passando a ter um primado. Um campo social mais resiste quando cria estratégias e o pensamento, que é o lado de fora, torna-se um pensamento de resistência às mudanças de natureza, permitindo apenas mudanças de grau.

Por sua vez, a relação consigo mesmo como domínio "*é um poder que se exerce sobre si mesmo dentro do poder que se exerce sobre os outros*". Trata-se de um poder de se afetar a si mesmo. Neste sentido, a idéia fundamental de Foucault é a de uma dimensão subjetiva que se relaciona com o saber e com o poder, mas não depende deles, trata-se do afeto de si por si. A subjetividade é construída, é produzida, consiste num construtivismo, um "**território auto-referencial**, individual e coletivo, uma "**máquina desejante**" Guattari, 1993).

Colocadas sumariamente, essas três variáveis que permeiam as formas de pensar e criar, as instituições de ensino se caracterizam por produzir e reproduzir saberes em diferentes

estratificações, entretanto, como instituições disciplinares, constituem, segundo Foucault, "dispositivos" de poder. Por sua vez, cada instituição com seus saberes específicos (a escola de arquitetura, por exemplo), constitui, também, um espaço confinado onde se exercita um poder difuso, que não se vê, mas faz ver e falar, o qual, nesse sentido, conta com a dimensão subjetiva de docentes e discentes.

Confrontando a educação nos espaços confinados das escolas, com a "**educação sem escolas**" dos espaços abertos, onde predominam os dispositivos de saber e poder midiáticos, a questão que se coloca entre as duas espacialidades, ambas como formas de aprendizagem, não é tanto a de estabelecer as diferenças entre essas duas modalidades, as quais diferem apenas de grau e não de natureza, mas a de constatar que elas se encontram sob a égide da mesma forma de pensar, do pensamento dominante, de regra, com base no mundo da representação, na lógica binária e no modelo arborescente de pensar. A questão não é de espaços fechados das sociedades industriais disciplinares ou de espaços abertos das "sociedades de controle" pós-industriais, porém, das formas de saberes, dos exercícios de poderes e dos processos de subjetivação que são orientados pelas formas de pensar.

Uma noção essencial relacionada com os estratos (saberes), diz respeito à descodificação do meios (substâncias formadas): **Agenciamentos**. Estes, embora distintos dos estratos neles se fazem, extraíndo dos meios um **Território**. Todo agenciamento é territorial. O território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo extraído dos meios. O território cria o agenciamento e em qualquer agenciamento pode-se distinguir a dupla articulação: conteúdo e expressão, entretanto, se o agenciamento não se reduz aos estratos é porque nele a expressão constitui um **sistema semiótico**, um regime de signos, e o conteúdo um **sistema pragmático de ações e paixões**. Justamente neste ponto que Deleuze/Guattari, retomam os pressupostos foucaultianos e lhe dão um novo entendimento, desdobrando todo agenciamento, ao mesmo tempo, em "**agenciamento máquinico**" e "**agenciamento de enunciação**". Neste sentido, entre o conteúdo e a expressão se estabelece uma nova relação que ainda não aparece nos estratos foucaultianos: os enunciados ou expressões exprimem "**transformações incorporais**" que "se atribuem" com tais (propriedades) aos corpos ou aos conteúdos (Deleuze/Guattari, 1997, p. 219).

O Agenciamento, por sua vez, desempenha outro papel, outro entendimento. Se o conteúdo e a expressão, em conjunto, constituem um primeiro aspecto de sua territorialidade, o outro diz respeito às "**linhas de desterritorialização**" que o atravessam e o arrastam. Segundo essas linhas, também chamadas de "**linhas de fuga**", o agenciamento já não apresenta mais expressão e conteúdo, porém apenas matérias não formadas, forças e funções destratificadas. Portanto, encontramos uma tetravalência do agenciamento: **conteúdo** e **expressão** (Foucault), **territorialidade** e **desterritorialidade** (Deleuze/Guattari).

A noção de "máquina abstrata" proposta por Deleuze/Guattari torna-se imprescindível para o entendimento dos agenciamentos relacionados com os saberes, poderes e os processos de subjetivação, pois a noção de máquina excede toda mecânica e se opõe ao abstrato no sentido comum, banalizado, que se atribui a esse termo. Elas consistem em "matérias não formadas e funções não formais", pois cada máquina abstrata é um conjunto consolidado de matérias funções. Para facilitar o entendimento dessa noção tomemos, por exemplo, um "plano" tecnológico de um determinado material (alumínio, plástico, fio de cobre, etc.). Pode-se afirmar que ele: não é composto simplesmente por essas substâncias, nem por formas organizadoras, programas, protótipos, etc., mas por um conjunto de matérias que só apresentam graus de intensidade (resistência, condutibilidade, aquecimento, transdução...), bem como, funções diagramáticas que apresentam equações diferenciais ou tensores (Deleuze/Guattari, 1997, p. 227).

Existem diferentes tipos de máquinas abstratas, uma ampla tipologia. Entre elas, os autores acima referidos falam das "**máquinas abstratas sobrecodificadoras ou axiomáticas, que realizam as totalizações, homogeneizações, conjunções de fechamento**". Estas máquinas expressam o mundo da representação, a lógica binária e o modelo de pensar arborescente e recebem a denominação de "**máquinas abstratas binárias**". A geometria euclidiana, por exemplo, é uma máquina abstrata binária axiomática milenar do saber arquitetônico e de outros saberes afins. Considerando o amplo conjunto de disciplinas na constituição de uma megamáquina de ensino de arquitetura, cada uma das disciplinas, sejam elas de história, teoria, plástica, técnica ou práticas

de atelier, cada uma constitui um elemento maquínico. Também, outras disciplinas de diferentes áreas de conhecimento que mantêm interfaces com a arquitetura como, por exemplo, a economia, visando a interdisciplinaridade, ela também constitui uma máquina abstrata binária axiomática, cujo axioma maior perpassa todo o campo social: a **propriedade privada** pois, sob a égide desse axioma, aceito e socialmente assimilado, são elaborados saberes, ações práticas e direitos.

No caso específico da arquitetura, os processos de codificação e sobrecodificação, tendo presente os agenciamentos que permeiam esses processos, uma multiplicidade de agenciamentos máqunicos e agenciamentos de enunciação, exprimem transformações incorporais e acabam por caracterizar os segmentos sociais que para isso contribuem. Entre esses segmentos encontram-se instituições de ensino, comissões de especialistas, instituições profissionais, corporações empresariais, funcionários ministeriais e os três poderes do Aparelho de Estado que, por fim, acabam por efetuar as sobrecodificações preparadas pelos diferentes segmentos. Dessa tramitação são sancionadas as Leis de Diretrizes e Bases da Educação, os subsequentes currículos mínimos e a regulamentação profissional. Desse conjunto de elementos máqunicos que constituem a megamáquina de ensino de arquitetura, emana toda uma orientação do que se deve ensinar para garantir a formação competente de um profissional de arquitetura.

Contudo, esse modelo efetuado pelo aparelho de Estado, no sentido de uma megamáquina abstrata, onde estão equacionados os saberes estratificados, agenciados pelas relações de poderes e em seguida delegadas às instituições locais de ensino, surgem as questões relacionadas com as adaptações aos diferentes contextos sociais, econômicos, políticos e culturais dessas localidades. Adaptações essas que denotam apenas diferenças de grau e não de natureza, mas que implicam um melhor ou menor desempenho das instituições de ensino, as quais acabam por expressar certas limitações ou excelências em relação aos saberes que ministram, aos poderes que exercem e à construção de subjetividades de docentes e discentes que daí emerge.

Para que ocorram mudanças, de fato, nas formas de pensar e de criar arquiteturas, torna-se necessário pressupor o aparecimento de outro tipo de máquina: as "Máquinas de guerra", conceito elaborado por Deleuze/Guattari com base na relação **Nômade/Sedentário**. De um lado, o que flui, muda, desterritorializa, percorre o espaço liso, do outro, o que permanece, resiste à mudança, percorre o espaço estriado. A especificidade de uma máquina de guerra numa instituição de ensino é aquela de não se deixar sobrecodificar no sentido acima referido.

Ela é exterior ao que foi instituído, o seu agenciamento é a invenção, novas forma de expressão e de conteúdo. No sentido mais direto, as máquinas de guerra são aquelas que procuram produzir novas formas de pensar e criar na filosofia, na ciência e na arte. Espinosa, Galileu e Borromini, por exemplo, foram máquinas de guerra em seus respectivos tempos. Os pioneiros da arquitetura moderna, bem como artistas plásticos, músicos, teatrólogos, coreógrafos, escritores, filósofos, entre outros, foram em seus propósitos iniciais máquinas de guerra no âmbito de uma cultura que se demonstrava incompatível com a emergência de novas percepções (perceptos) e afetos, novas funções (functivos), tecnologias e novos conceitos. Essas grandes máquinas do mundo da representação, na escala molar, pressupõem a existência de micromáquinas de guerra que se encontram difusas por toda a parte, inclusive nas instituições de ensino, entretanto não se trata de uma miniaturização, mas da relação de fluxos (linhas) que atravessam os indivíduos.

Em princípio, segundo Deleuze/Parnet, existem três tipos de linhas: **as duras**, **as flexíveis** e **as de desterritorialização**, estas também denominadas "**linhas de fuga**". As primeiras, as linhas duras, são de natureza macro e produzidas pelos diferentes segmentos institucionais: a família, a escola, a fábrica, empresa, caserma, hospital, prisão, etc. ou por segmentos temporais: trabalho e lazer. As linhas flexíveis são de **natureza molecular** e se expressam pelas fissuras que criam na forma de pensar dos indivíduos, promovendo a necessidade de ir além. Todavia, as angústias que promovem ou, até mesmo os prazeres que delas decorrem, não permitem que os indivíduos saiam do território existencial auto-referente, isto é, a subjetividade na qual os indivíduos foram moldados. Finalmente, as linhas de desterritorialização são aquelas que conseguem fazer com que os indivíduos saiam, fujam para uma nova territorialidade. As máquinas de guerra são expressão desse agenciamento de desterritorialização.

O conceito de “máquina de guerra” criado por Deleuze/Guattari encontra-se estritamente ligado à noção de “nômade” e, especificamente, à de nomadismo do pensamento, o qual se opõe, radicalmente, ao pensamento sedentário, este, constituído por um tipo de estrutura forjada por valores estáveis com base na força burocrática da razão clássica, própria de um Estado universal de direito. A relação nômade/sedentário equivale à relação **espaço liso/espaço estriado**, e também à relação **Diferença/Identidade**. Em outras palavras: o pensamento nômade está para Diferença, isto é, o **Devir-outro**, no sentido de criar novos parâmetros e novas formas de existência assim como o pensamento sedentário está para a Reconhecimento do mundo da representação, da Identidade do conceito (do idêntico, do mesmo).

O pensamento nômade se constitui e vive à parte das leis e de convenções institucionalizadas, seu olhar desconhece a uniformidade, o conformismo, o enquadramento proporcionado pelas relações de forças, ou seja, pelos poderes dominantes. Ele toma o Devir como verdadeiro “destino” para sua existência incerta. Suas regras são as de uma “minoridade” que não se mistura, mesmo quando na aparência parece pertencer, fazendo parte de uma instituição que se configura como um “dispositivo” do aparelho de Estado. O pensamento nômade percorre o espaço liso, o lugar dos fluxos, dos livres movimentos, da turbulência, do devir, não havendo nele nada de prefigurado. Já o pensamento sedentário do espaço estriado, o lugar da Ordem, dos movimentos previsíveis com base em códigos prestabelecidos, saberes estratificados e sobrecodificados pelo aparelho de Estado (leis, portarias, regulamentações, etc.).

Essa relação nômade/sedentário também equivale à relação **performance/competência**, ou seja, entre o desempenho criativo voltado para as mudanças, as transformações, e o desempenho reprodutivo (decalque) de um saber consensualmente aceito com base em três instrumentos que garantem a sua sobrecodificação: a **lei**, o **contrato** e as **instituições**. Instrumentos estes dos quais florescem as burocracias existentes e que garantem o “bom” desempenho da competência exigida num mundo altamente competitivo. Contudo, vale observar, quando se fala de **criatividade** nesse nível de competência, trata-se de uma criatividade de grau, hoje tão banalizada nas práticas contemporâneas, onde se exige ser criativo em todas as ações e empreendimentos. Todavia, nesses casos, não se trata efetivamente de uma criatividade que visa uma mudança de natureza dessas práticas, no sentido de um devir-outro, são apenas “**variações**”, “**variáveis**” e “**variedades**” dos mesmos conceitos, das mesmas funções que proliferam, que não são novas funções (Functivos) e das mesmas percepções, afeções e sentimentos que não são propriamente Perceptos (novas percepções) e Afetos. O “marketing” da publicidade e muitas das manifestações acadêmicas “conceituais”, ou melhor, dizendo, discursivas, reflexivas e comunicativas, as quais se somam a uma infinidade de eventos científicos e artísticos que, de fato, se demonstram bastante competentes e criativos, todavia, a grande maioria dessa multiplicidade de expressões acaba compartilhando de uma mesma forma de pensar, com objetivos definidos e impregnados de sedentarismo, não ocorrendo, de fato mudanças de natureza, apenas de grau. Nesses contextos de competências e criatividades, as performances das máquinas de guerra se diluem ou, de certa maneira são ignoradas, contestadas pelas competências vigentes, ou até mesmo, aniquiladas pelo exercício dos “aparelhos de captura” que emanam do “Estado de plantão” nas localidades onde essas máquinas se manifestam.

No âmbito dessas considerações, trazendo a questão relacionada especificamente com o ensino de arquitetura e de suas disciplinas teóricas e práticas e, em particular, as de atelier (projeto, cuja denominação institucional é Planejamento Arquitetônico - outrora, Composição arquitetônica), constata-se a utilização hegemônica de um conjunto de conceitos e noções ou palavras-chave que são encontrados, consensualmente e com repetida frequência, nos diferentes enunciados e proposições (o que se diz), conjuntamente com relações binárias do universo da percepção (o que se vê) caracterizando, de regra, o pensamento sedentário. Assim, recebem destaque conceitos como: Unidade, Identidade (uma coisa em si, a mesma coisa, uma essência), Totalidade, Ordem, Estrutura, Organismo, Continuidade, Homogeneidade (os Universais, os homens são todos iguais perante a lei), Evolução, Real/Possível, Verdade, Tempo (cronológico, Cronos) entre muitos outros. Também, relações perceptivas tais como: interior/exterior, pesado/leve, claro/escuro, funcional/orgânico, baixo/alto, grande/pequeno e muitas outras relações.

Diferentemente, outros conceitos e noções orientam o pensamento nômade. Na sequência dos conceitos e relações acima transcritas, em contraposição, temos: Multiplicidade, Diferença (na

Repetição, Devir-outro), Totalidade segmentária, Caos (entendido não como desordem, mas o lugar de todas as formas, da criação, da impossibilidade de estabelecer uma relação entre duas determinações), Sistema (rede aberta de conexões de elementos heterogêneos, Rizoma), Corpo sem órgãos, Descontinuidade (rupturas a-significantes), Heterogeneidade, Evolução a-paralela (não linear), Virtual/Atual, Acontecimento, Tempo (Airon, Duração/Memória), entre muitos outros.

Em decorrência dessas diferenças conceituais, encontramos-nos frente a duas lógicas, ou seja, a Lógica binária e a Lógica da multiplicidade (opção feita pelo autor do texto), as quais se consubstancializam em duas formas de pensar e que possuem naturezas diferentes. A primeira, relacionada com o mundo da representação, da percepção molar (macro), da determinação, do previsível, da ordenação, da estabilidade, do espaço estriado, do enquadramento, do controlável, dos rituais, enfim, da burocratização existencial do pensamento sedentário. A segunda, lógica da Multiplicidade, relacionada com o princípio da incerteza, do acontecimento, da imprevisibilidade, do espaço liso, do devir-outro.

Não há neste texto um propósito conclusivo. Através de um conjunto de considerações e afirmações, a intenção foi a de levantar algumas questões que precedem qualquer formulação sobre a natureza do ensino. As variáveis aqui sumariamente tratadas, **Saber, Poder e Subjetividade** são variáveis dependentes inalienáveis e que, quando bem equacionadas, ajudam a entender em que consiste uma instituição de ensino (tanto pública quanto privada) e suas práticas, cuja responsabilidade consiste em preparar competências num campo social com seus regimes de signos particulares. E isso, através de “máquinas” sobrecodificadas efetuadas pelo aparelho de Estado, as quais expressam, em sua grande maioria, o “equilíbrio” estável do pensamento sedentário, o qual se confronta com a diminuta presença de “máquinas de guerra”, as quais caracterizam o pensamento nômade.

Sem uma explícita e específica abordagem, particularmente no que diz respeito às disciplinas de projeto, o conjunto de questões aqui levantadas tem um indiscutível rebatimento nas práticas de atelier, tanto pelo que se diz sobre um tema escolhido (formas de expressão), quanto pelo o que se pode fazer ver (formas de conteúdo), inclusive em decorrência da visão ampliada proporcionada pelos “dispositivos” midiáticos que se encontram fora da instituição e que muito ajudam a formatar os processos de subjetivação, não somente dos discentes como dos próprios docentes. A questão não se reduz a falar e ver, mas como se fala e como se vê, pois só uma nova forma de pensar, no sentido criativo de Devir-outro pode justificar uma mudança de natureza de pensar a arquitetura e de seu exercício.

No mínimo, o texto poderá servir aos que se preocupam e se interessam pelo ensino de arquitetura, sejam eles docentes ou discentes, desde quando reconheçam o papel dos fluxos (linhas) que nos atravessam, ou seja, a estabilidade e inviabilidade das “linhas duras” (molares) a frustrante impotência das “linha flexíveis” (moleculares) e a potencialidade das “linhas de fuga” (de desterritorialização).

Nunca sedentários, sejamos nômades!

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Rio de Janeiro, 1984.

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1987.

_____. **Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed 34, 2000.

_____. **Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia**, Rio de Janeiro: Ed. 34, v1, 1996.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Ed Escuta, 1998.

GUATTARI, Felix. **Caosmose. Um novo paradigma ético/estético**. s/d.